



**PRPPG – PRÓ-REITORIA DE PESQUISA EM
PÓS GRADUAÇÃO**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS PARA
DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**IMPERIALISMO E SUBIMPERIALISMO EM RUY MAURO MARINI
BREVE ANÁLISE SOBRE O ESTADO DA ARTE**

WILLIAM CIRILO TEIXEIRA RODRIGUES

Foz do Iguaçu
2024



**PRPPG – PRÓ-REITORIA DE PESQUISA EM PÓS
GRADUAÇÃO**

**RELAÇÕES INTERNACIONAIS PARA DOCENTES
DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**IMPERIALISMO E SUBIMPERIALISMO EM RUY MAURO MARINI
BREVE ANÁLISE SOBRE O ESTADO DA ARTE**

WILLIAM CIRILO TEIXEIRA RODRIGUES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Corpo Docente da Pró-reitoria de pesquisa em pós graduação (PRPPG) da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais para Docentes da Educação Básica.

Orientador: Prof. Paula Daniela Fernández (doutora)

Foz do Iguaçu
2024

WILLIAM CIRILO TEIXEIRA RODRIGUES

IMPERIALISMO E SUBIMPERIALISMO EM RUY MAURO MARINI

UMA BREVE ANÁLISE SOBRE O ESTADO DA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Corpo Docente da Pró-reitoria de pesquisa em pós graduação (PRPPG) da Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais para Docentes da Educação Básica

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. (Doutora) (Paula Daniela Fernández)
UNILA

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Prof. (Titulação) (Nome do Professor)
(Sigla da Instituição)

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer a minha professora orientadora Doutora Paula Daniela Fernández por sua paciência, dedicação e por me guiar por entre as veredas, nem sempre fáceis, da escrita acadêmica.

Agradeço também a todos os professores do curso de especialização em Relações Internacionais para Docentes da Educação Básica por seus esforços em levar este tema tão necessário aos professores de todo o Brasil.

Por fim, agradeço a minha família. Agradeço a meus irmãos Wesley César Teixeira Rodrigues e Wellem Cristiam Teixeira Rodrigues por sua amizade, aos meus sobrinhos Evelyn e Diogo, ao meu padrasto Wilson de Almeida Brandão e principalmente a minha mãe Nair Liberata Teixeira Brandão por seu amor, carinho e broncas necessárias durante minha criação.

“Hoje as torturas são chamadas de “procedimento legal”, a traição se chama “realismo”, o oportunismo se chama “pragmatismo”, o imperialismo se chama “globalização” e as vítimas do imperialismo se chamam “países em via de desenvolvimento”. O dicionário também foi assassinado pela organização criminosa do mundo. As palavras já não dizem o que dizem ou não sabemos o que dizem.”

Eduardo Galeano

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC), elaborado como elemento parcial da formação de especialista em Relações Internacionais para professores da Educação Básica, busca analisar a relevância do conceito de subimperialismo, elaborado por Ruy Mauro Marini nos anos 1960, no atual cenário acadêmico brasileiro.

A pesquisa qualitativa, do tipo estado da arte, examina alguns artigos publicados entre os anos de 2019 e 2024, utilizando o *Google Scholar* como ferramenta de busca.

Desenvolvendo uma breve análise sobre a maneira como o conceito de subimperialismo, que descreve a dominação regional de economias periféricas subordinadas a potências centrais, é utilizado e pelas novas produções acadêmicas nacionais.

Palavras-chave: subimperialismo; teoria da dependência; imperialismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DESENVOLVIMENTO	10
2.1 IMPERIALISMO CLÁSSICO	10
2.2 TEORIA DA DEPENDÊNCIA E SUBIMPERIALISMO EM RUY MAURO MARINI	12
2.3 ESTADO DA ARTE.....	13
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, elaborado como requisito para a obtenção do título de especialista em Relações Internacionais para Docentes da Educação Básica, pode ser caracterizado como uma pesquisa qualitativa do tipo estado da arte. Desta forma, este breve artigo visa observar como está o atual debate acadêmico brasileiro em torno do conceito de subimperialismo elaborado nos anos 1960 pelo sociólogo Ruy Mauro Marini.

Assim sendo, a problemáticas e os objetivos que movem este projeto de pesquisa são, entre outras coisas, a necessidade de compreender qual é o atual estado do debate sobre o conceito, se ele ainda possui relevância acadêmica no cenário nacional e quais são as motivações que levam os pesquisadores atuais a ainda utilizarem o conceito de subimperialismo em seus artigos científicos.

Para tal fim, o levantamento bibliográfico foi realizado exclusivamente no site *scholar.google* e conta com uma metodologia de pesquisa que faz com recorte específico de cinco anos de publicações acadêmicas (2019-2024).

Assim, utilizando as ferramentas de busca do próprio agregador acadêmico e indicando o conceito de subimperialismo, entre aspas no navegador do site, podemos constatar que dentro do recorte indicado foram elaborados e publicados cerca de 607 trabalhos acadêmicos em língua portuguesa nos últimos cinco anos, trabalhos estes, que de alguma maneira citam o conceito chave deste TCC em suas pesquisas.

Ainda versando sobre a metodologia de pesquisa, destes 607 trabalhos acadêmicos, 29 utilizam o termo subimperialismo com destaque em seus títulos ou palavras chave e a maioria destas pesquisas tratam sobre as relações entre o Brasil e seus vizinhos sul-americanos, com algumas raras exceções, como por exemplo, artigos que analisam o subimperialismo sul-africano e Turco.

Para afinar ainda mais a pesquisa, este trabalho apresentará apenas artigos que trabalhem a questão do subimperialismo brasileiro e sua relação com a América Latina, podendo discorrer sobre alguns casos específicos, como por exemplo, a relação Brasil, Paraguai e Haiti.

Desta seleção sobraram 11 textos acadêmicos, sendo cinco artigos publicados em revistas especializadas, três Trabalhos de Conclusão de Curso, duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Finalizamos esta seleção, por fim, utilizando apenas os artigos científicos publicados nestes jornais por uma questão de

espaço e dos tempos da especialização, tendo em vista que teses em geral são textos mais longos.

Desta forma, e para fins de compreensão da problemática proposta neste projeto, o TCC está organizado da seguinte forma. Primeiro, apresenta uma breve introdução sobre o conceito de imperialismo, conceitualizando o termo e apresentando autores que buscaram elaborar uma definição última sobre o tema. Segundo, expõe o conceito de subimperialismo inserido dentro da Teoria da Dependência de Marini, objetivando principalmente diferenciá-lo da concepção de imperialismo clássico. Em terceiro temos o objetivo do projeto, apresentando como a produção acadêmica brasileira vem utilizando o conceito de subimperialismo em seus artigos e pesquisas nos últimos cinco anos. E por último temos a conclusão, onde apresentaremos os resultados desta pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O IMPERIALISMO CLÁSSICO

As práticas imperialistas e a criação do conceito que a definiu, surgiram na Europa na passagem do século XIX para o XX. Para ser mais específico, este termo foi utilizado pela primeira vez na Inglaterra Vitoriana por volta dos anos de 1870, no contexto da disputa europeia sobre colônias na África e Ásia (período que ficou conhecido por neocolonialismo) e das reformas da federação imperial, que visava, entre outras coisas, estreitar os laços que prendiam estas colônias à metrópole.

Desde então, o conceito de Imperialismo e suas implicações nas relações internacionais foram amplamente debatidos durante o século XX. Diversos autores, dos mais variados campos ideológicos, apresentaram suas próprias definições sobre este fenômeno.

John Atiknson Hobson, autor que primeiro cunhou o termo em sua obra *Imperialismo: um estudo* (1902), defendia a ideia de que o imperialismo não era rentável a nenhuma nação, mas motivada por interesses financeiros de um pequeno grupo de especuladores e investidores, que se utilizando da máquina estatal insuflavam na população uma ânsia patriótica e aventureira que no fundo servia apenas para investir vantajosamente o excedente capital ocioso em outras partes do mundo (Bugiato, 2007).

Já Vladimir Lênin, líder máximo da Revolução Russa de 1907, define o imperialismo como a “fase superior do capitalismo”, momento em que o capital nacional já se tornou tão monopolizado que as nações centrais do capitalismo devem expandir suas áreas de influência para buscar novos mercados consumidores em outras partes do mundo (Bobbio, 1998).

Para Lênin, o imperialismo não é simplesmente uma evolução do capitalismo em geral, mas produto de uma fase específica que ele chamou de “capitalismo monopolista”. E este se caracteriza “do ponto de vista econômico, (pela) substituição da livre concorrência capitalista pelos monopólios capitalistas” (LÊNIN 1982 apud Pansardi 2012, p. 7)

De acordo com Pansardi (2012), esta análise Leninista sobre o imperialismo ser uma nova fase do capitalismo é diretamente influenciado pelo pensamento Marxiano sobre a evolução das estruturas econômicas do capitalismo. Para Marx, o

capitalismo de livre concorrência liberal, por suas próprias contradições, caminha para se tornar um capitalismo monopolista, modificando a atuação do Estado burguês e expandido suas atuações para fora das fronteiras nacionais. O que leva, não apenas a exploração de países periféricos, mas também ao conflito entre emergentes potências imperiais. Contudo, Marx vê a tendência, mas não fala de imperialismo. Serão outros autores que desenvolverão o conceito.

Além de Hobson e Lenin, outros pensadores marxistas no início do século XX abordaram o tema. De acordo com Chaib (2018), Rosa Luxemburgo defendia que o capitalismo se origina e se desenvolve historicamente em um meio social não capitalista (na Europa, por exemplo, o capitalismo se originou do feudalismo). O imperialismo seria então uma competição, entre as economias industriais, pelo domínio das regiões da Terra que ainda não haviam sido conquistadas pelo capital.

Outro autor marxista deste período é Rudolf Hilferding. De acordo com Chaib (2018), ele entendia o imperialismo como um fenômeno fruto da concentração de capital. Segundo Hilferding, o capitalismo em sua fase financeira tem uma grande ânsia na expansão de seus mercados, o que acaba por levar a rivalidades estatais e por consequência a guerras e revoluções.

Ao longo de século XX, outros pensadores pesquisaram e refletiram sobre o imperialismo como Immanuel Wallerstein. O autor, dentro de sua teoria do sistema-mundo, vê o imperialismo como parte da estrutura de um sistema capitalista global. De acordo com o autor, o imperialismo é um fenômeno estrutural que perpetua a divisão entre centro (países desenvolvidos) e periferia (países subdesenvolvidos), onde o centro explora economicamente a periferia (Martins, 2015).

Apesar das diferentes conceitualizações apresentadas acima, um elemento parece se repetir constantemente nestas análises, a de que o imperialismo sempre é entendido como o fruto de uma relação de domínio de uma nação rica e poderosa localizada no centro do capitalismo, sobre uma mais pobre e frágil que está às margens deste mesmo sistema. Mas será que sempre é assim?

2. 2 TEORIA DA DEPENDÊNCIA E SUBIMPERIALISMO EM RUY MAURO MARINI

Ruy Mauro Marini fez parte de uma geração de intelectuais brasileiros que nos anos 1960 se propuseram a tentar entender os motivos do subdesenvolvimento e da exploração capitalista no Brasil e na América Latina. A chamada Escola da Dependência se apresenta como terceira via dentro do debate econômico da época sobre o chamado Terceiro Mundo, que eram dominados neste momento pelas interpretações da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Segundo Traspadini (2005), a teoria da dependência sob a ótica marxista de Marini, pode ser interpretada como a subordinação dos países subdesenvolvidos aos países desenvolvidos, ficando evidente que os países desenvolvidos mantêm seu desenvolvimento às custas do subdesenvolvimento de outros países, ou, nas palavras da autora, “o subdesenvolvimento e o desenvolvimento entendidos como processos indissociáveis e necessários para a evolução internacional do modo de produção capitalista” (TRASPADINI, 2005).

Partindo do pressuposto de que o subdesenvolvimento de uma nação é a condição *sine qua non* para o desenvolvimento de outra, e observando a atuação brasileira na região, Marini desenvolveu ainda o conceito de subimperialismo que se insere dentro da Teoria Marxista da Dependência apresentada acima, que de acordo com Carcanholo (2013 apud Nogara, 2020, p. 508):

(...) constitui a versão dependentista que interpreta, a partir da teoria marxista e da teoria clássica do imperialismo, a condição dependente das sociedades periféricas como uma consequência dos padrões de reprodução de capital em vigor na economia capitalista mundial.

Segundo Marini (1974 apud Nogara, 2020, p.510) o subimperialismo brasileiro tem início no período que antecede o golpe militar de 1964. De acordo com o autor, a economia capitalista brasileira deste período estaria amparada em dois pilares fundamentais, que são, o progressivo aumento da produtividade decorrente da adoção de novas tecnologias e a constante redução do salário dos trabalhadores. Algo economicamente contraditório em si mesmo, uma vez que, por motivos óbvios, este

aumento produtivo não poderia absorvido internamente por esta massa de trabalhadores superexplorados.

Diante de tal impasse, o Estado brasileiro atuou em duas frentes, a primeira fomentado o consumo interno por meio de gigantescas obras públicas e a segunda buscando abrir novos mercados externos que pudessem receber o excedente da tardia indústria brasileira.

Durante uma palestra intitulada “Balanço do desenvolvimento da teoria crítica”, ministrada em 03 de dezembro de 1993 na Universidade Autônoma do México (UNAM), Ruy Mauro Marini insere a conjuntura de desenvolvimento do conceito de subimperialismo, sobretudo o brasileiro, no contexto das zonas de influência dos países capitalistas na segunda metade do século XX. Segundo o pensador, o Brasil, como maior economia do continente sul-americano, buscou criar uma zona de influência política e econômica própria, dentro de uma área global de influência dos Estados Unidos, mas sem romper com eles.

A partir desta observação, podemos definir o subimperialismo como a atuação de uma potência regional que exerce influência econômica, política e militar sobre países periféricos, enquanto continua subordinada às potências centrais. Diferenciando-o do imperialismo clássico por se dar especialmente no contexto das economias dependentes e de industrialização tardia.

2.3 ESTADO DA ARTE: SUBIMPERIALISMO

Compreendendo que o objetivo principal do TCC é elaborar uma revisão de literatura e compreender como anda o debate acadêmico acerca do conceito de subimperialismo em Ruy Mauro Marini, apresentamos aqui o primeiro artigo analisado.

Em artigo intitulado *Teoria marxista da dependência: a contribuição teórica de Ruy Mauro Marini* publicado em 2021 na revista Nova Economia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o autor Pedro Henrique Evangelista Duarte, da Universidade de Goiás, discute como o subimperialismo afeta a dinâmica econômica e política na América Latina. Para o autor, existe uma estrutura de dependência mundial, onde as economias mais frágeis se organizam sob a influência de monopólios e do capital estrangeiro, algo que acaba por perpetuar e limitar o desenvolvimento da economia de países tidos como subdesenvolvidos. Além disso, como se não bastasse, esta forma de organização mundial acaba por influenciar países em desenvolvimento, como o Brasil, a

reproduzir esta dinâmica econômica imperialista a nível regional.

Internalizavam-se, assim, nas relações econômicas intra-regionais, as mesmas estruturas produtivas e do comércio internacional, operando na própria periferia do sistema as relações de dependência, subordinação e exploração vigentes na relação centro-periferia. A reafirmação do imperialismo, assim, se traduz não apenas em nova integração da América Latina, mas também na reprodução interna de seus elementos nos processos de integração regional. Esses novos arranjos resultarão, segundo Marini, na formação de centros subimperialistas, associados à metrópole, voltados à exploração dos povos vizinhos. (Duarte,2021)

Além disso, segundo Duarte o subimperialismo brasileiro estaria intimamente ligado as aspirações geopolíticas brasileiras e seu desejo de buscar uma posição de liderança na região algo que diversas vezes na história foi alinhada aos interesses estadunidenses, agindo como uma espécie de satélite dos EUA na América do Sul.

Assim, analisando este artigo podemos concluir que o autor utiliza o conceito de subimperialismo para explicar e analisar as dinâmicas econômicas, políticas e geopolíticas dos países latino-americanos na atual fase financeira do capitalismo.

Outro artigo analisado foi o “*O Subimperialismo Brasileiro na América Latina Durante os Governos Lula da Silva (2003–2010)*”, elaborado por Higor Roberto da Silva e publicado em 2024 nos anais do IV Congresso de pesquisa em relações internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Aqui o autor buscou compreender as nuances da atuação subimperialista brasileira durante os dois primeiros mandatos do presidente Lula.

De acordo com o autor, o discurso de integração regional perpetrados durante este período acabou impondo acordos econômicos desproporcionalmente benéficos para o Brasil e suas empresas, algo que gerou desequilíbrios e limitou o desenvolvimento dos países vizinhos.

O Mercado Comum do Sul (Mercosul) é o principal bloco de integração econômica da região e exemplifica a dinâmica de poder disposta no continente. Embora objetive a viabilização de um desenvolvimento construído mutuamente, as assimetrias entre os países-membros têm figurado como obstáculos para o aprofundamento dessa proposta. O Brasil tem uma posição dominante dentro do bloco e, em consequência, torna-se responsável por desequilíbrios nas relações

comerciais e políticas com os demais parceiros. Estudiosos de outras nações sul-americanas denunciam que o Mercosul foi, por vezes, um pretexto para o Brasil lhes impor acordos econômicos unilaterais que favorecessem em demasia a posição brasileira ante o cenário internacional globalizado (ZIBECHI, 2012 apud Silva 2024 p.6).

O artigo explora de forma clara as contradições existentes entre o discurso e as práticas, analisando como o Brasil, buscando superar sua própria dependência, acaba reproduzindo dinâmicas imperialistas dentro da região, o que além de enfraquecer as perspectivas de desenvolvimento dos países vizinhos, ainda mantém o Brasil preso a um ciclo de dependência estrutural com o capitalismo global.

O terceiro artigo apresentado na Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura da Universidade Federal de Sergipe (UFS), destoa dos anteriores por usar o conceito de subimperialismo para tratar do que o autor chama de capitalismo de plataforma. Este tipo de capitalismo é definido como um modelo econômico que se baseia na criação e operação de plataformas digitais que conectam diferentes grupos de usuários, como consumidores e fornecedores, facilitando a troca de bens, serviços ou informações. Nesta nova conjuntura os dados informacionais são o novo capital e a superexploração do trabalho é representado pela precarização do trabalho.

Sob o título “*Subimperialismo de dados: uma crítica ao colonialismo de dados diante das Big Techs sul-americanas*”, o artigo de Kenzo Soares Seto apresenta uma relação complexa entre colonialismo digital, capitalismo de plataforma e subimperialismo, destacando como esses conceitos interagem e se influenciam na realidade da América do Sul.

De acordo com o Seto (2023) estamos vivendo na era do colonialismo digital, onde plataformas do Norte Global atuam para exercer seu controle sobre os países do Sul. Essa relação de domínio é entendida pelo autor como uma espécie de continuidade de relações coloniais mais antigas, mas ao invés da exploração pura e simples de recursos, agora somos tratados como "colônias de dados".

O subimperialismo é introduzido aqui como uma forma de entender a posição dos países sul-americanos dentro do capitalismo dependente. O subimperialismo de dados sugere que, embora esses países sejam subordinados ao capitalismo central, eles também desenvolvem suas próprias dinâmicas de acumulação de dados e capital, criando centros regionais que competem entre si. Isso implica que há uma hierarquia de

poder entre os países do Sul, onde alguns, como Brasil e Argentina, podem exercer uma forma de subimperialismo em relação a outros países da região.

A existência de centros regionais de acumulação de dados e de capitalismo de plataforma fora do Norte Global revela uma lacuna nos estudos do colonialismo de dados e do imperialismo digital: a falha em analisar as relações de dominação, ainda que associadas aos países centrais, entre países do Sul. Embora países como Haiti e Brasil sejam subordinados ao capitalismo central, ocupam posições distintas na hierarquia de poder (SETO, 2023, p.170).

Outro artigo estudado para este projeto é o intitulado “*O subimperialismo brasileiro revisitado: a experiência brasileira na América do Sul (1964-2014)*” de autoria conjunta de Vasconcelos e Andrade, publicada na coleção Pensar a América Latina e o Caribe do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP). Esta pesquisa de viés histórico-econômico, explora as complexas relações de poder que ocorrem durante as trocas comerciais entre o Brasil e os outros países da América do Sul. De acordo com os autores, o Brasil, aproveitando-se do fato de ser a maior economia do continente, utiliza de sua posição para expandir suas exportações e influenciar as economias vizinhas por meio de uma dominação econômica subimperialista.

Conforme descrito no artigo citado, este fenômeno possuiria dois momentos de marcante efervescência, a primeira em sua origem durante o chamado “milagre econômico” da década de 1970 e a segunda durante os governos Lula (2003-2010).

No caso do Brasil, tal fenômeno teria se manifestado, inicialmente, pela projeção das empresas brasileiras durante e após o “milagre econômico” da década de 1970 no entorno sul-americano e, mais recentemente, pela projeção política e expansão do capital brasileiro durante o governo Lula da Silva (2003-2010). (Vasconcelos, 2019. P.96)

Assim, podemos compreender que este artigo tem por objetivo elaborar um breve balanço histórico do subimperialismo brasileiro na América do Sul.

Seguindo ainda dentro do contexto histórico de governos Lula I e II, podemos apresentar o polêmico caso da missão de paz brasileira no Haiti. Como é sabido, este país caribenho possui o pior IDH do continente americano e figura como uma das

nações mais pobres do mundo. Sua história recente é marcada por violência política e conturbação social. Nesta conjuntura, entre 2004 e 2017, o Brasil liderou uma missão de paz da ONU que tinha como objetivos: pacificar o país e organizar a sociedade para a promoção de eleições livres.

Em artigo intitulado “*Haiti: crises, intervenções e subimperialismo*” de Diogo Schiavinatto e Gabriel Santos publicado em 2024 na revista PET Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), os autores fazem um balanço sobre as consequências da intervenção brasileira neste pequeno país. De acordo com o artigo, o exílio do primeiro ministro Jean-Bertrand Aristide em 2004, desencadeou uma gigantesca crise institucional, que por sua vez levou a uma reunião extraordinária do Conselho de Segurança da ONU e a criação Minustah (missão de paz), liderada pelo Brasil.

Dentro do âmbito do governo brasileiro, o presidente Lula e o ex-ministro de Relações Exteriores, Celso Amorim, ressaltaram não apenas a importância da liderança de nações em desenvolvimento, como o Brasil e o Chile, para uma abordagem íntegra dessa missão, mas também destacaram o caráter nacional intrinsecamente solidário e generoso. (CORREA, 2009 apud SANTOS 2024 p.31).

Contudo, essa suposta generosidade despretensiosa brasileira não pôde ser observada na prática. De acordo com os autores, a missão de paz no Haiti pode ser caracterizada por ser uma prática marcadamente subimperialista, uma vez que está inserida dentro de um contexto de expansão econômica, militar e geopolítica da Brasil dentro de uma relação de cooperação antagônica com Estados Unidos.

Dessa maneira, pela parte do Brasil, destacam-se os interesses políticos, econômicos, militares e ideológicos, que orientaram a sua política externa em busca de maior visibilidade internacional. Politicamente, o país almejava um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU a fim de reforçar seu papel destacado na região. Militarmente, promoveu a indústria bélica e aumentou os recursos para as Forças Armadas, com ações como o Plano Nacional de Estratégia de Defesa. Economicamente, empresas brasileiras, especialmente empreiteiras e construtoras, possuíam forte presença no mercado local, com foco na reconstrução do país. Além disso, houve uma dimensão ideológica, buscando produzir ideologia, valores e consenso, exemplificado pelo "Jogo da Paz", em que a seleção brasileira de futebol proporcionou uma breve pausa no conflito. (SANTOS, 2024 p.32)

Por fim, analisaremos aqui artigo "*Crítica ao conceito de subimperialismo: a dimensão sul-americana da política externa brasileira e as limitações das análises dependentistas*" de Tiago Soares Nogara publicado na *Monções: Revista de Relações Internacionais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)* em 2020.

Nogara se apresenta por ser a única voz dissonante, dentro de todos os outros artigos pesquisados, da ideia de subimperialismo brasileiro. Seu projeto busca dar voz a intelectuais contrários as teorias de Marini e assim aprofundar o debate.

De acordo com o autor e a referências utilizadas, *o conceito de subimperialismo apresenta limitações que o impedem de categorizar a política externa brasileira*. O conceito de subimperialismo, contido na teoria marxista da dependência, agiria como um elemento reducionista da atuação geopolítica regional brasileira. De acordo com o artigo, o conceito de subimperialismo estaria datado ao momento histórico de sua elaboração por Marini, não possuindo mais eficácia teórica para explicar a dinâmica e complexa política externa brasileira na atualidade. Para Nogara (2020), estamos diante de um momento que se exige uma revisão ou até mesmo um abandono deste conceito para se compreender as relações do Brasil com seus vizinhos.

Zibechi (2013) indicou a necessária atualização do conceito de Marini, de forma a compatibilizá-lo com a inserção internacional brasileira no século XXI. Segundo o autor, na atual quadra histórica as elites dominantes do Brasil ampliaram suas margens de manobra e num conluio entre os militares e a burguesia brasileira, construíram uma estratégia de poder capaz de alçar a nação à condição de potência. Nessa estratégia, os vizinhos sul-americanos seriam vistos como o pátio traseiro do país, com os quais as relações se mantêm extremamente assimétricas. **O autor sugeriu que o próprio conceito de imperialismo talvez melhor se encaixasse, hoje, à atuação brasileira do que o de subimperialismo** (Nogara, 2020, p. 516, grifo meu)

Nogara ainda argumenta que nem todos os outros autores que trabalham com a ideia de subimperialismo na atualidade, o fazem mediante influência de Marini.

Em termos gerais, nem todos os autores que caracterizaram a dimensão sul-americana da política externa brasileira dos governos Lula como subimperialista utilizaram, em seus embasamentos, o conceito proveniente de Ruy Mauro Marini e da Teoria Marxista da Dependência. Virginia Fontes, por exemplo, tachou o Brasil de capital-imperialista. Zibechi, ainda que valendo-se de parte do aporte teórico de Marini, aproximou sua tese do rechaço às políticas extrativistas de desenvolvimento,

alinhando-se, de certa forma, às críticas de Gudynas (2012) ao neoextrativismo. (Nogara, 2020, p. 517)

No entanto, segundo o autor, todas as teorias e conceitos que trabalham com o subimperialismo na atualidade são unânimes em apontar que neste momento está ocorrendo um processo de internacionalização de empresas, capitais e mercadorias brasileiras, que pela envergadura econômica brasileira está se mostrando economicamente assimétrica.

A potencialização da presença brasileira nas respectivas economias desses países estaria ensejando, de forma latente, uma dominação política de feição subimperialista, imperialista ou capital-imperialista, que reproduziria uma divisão sub-regional do trabalho responsável por perpetuar relações de dominação típicas do sistema internacional capitalista. (Nogara, 2020, p. 517)

A partir desta breve análise podemos perceber como o conceito de subimperialismo ainda se faz presente nos meios acadêmicos brasileiros. Influenciando e direcionando pesquisas que analisam a presença e a atuação geopolítica do Brasil no mundo. Concluímos dizendo que Ruy Mauro Marini continua a ser um autor essencial para a compreensão do subdesenvolvimento dos países do Sul global, seu legado ainda se faz presente, e sua luta por desenvolvimento e justiça social se faz mais necessária do que nunca.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica desenvolvida por este trabalho de conclusão de curso identificou que o conceito de subimperialismo de Ruy Mauro Marini continua sendo utilizado de maneira significativa nos debates acadêmicos atuais.

Algo muito interessante que se apresentou logo nas primeiras buscas foi a plasticidade apresentada pelo conceito desenvolvido nos anos 1960. Podemos observar claramente como o termo subimperialismo foi capaz de fornecer a fundamentação teórica necessária para um artigo de economia, um artigo de relações internacionais e um artigo sobre novas tecnologias do capitalismo.

O primeiro artigo, de Duarte (2021), utiliza o conceito de subimperialismo para explicar a reprodução das dinâmicas imperialistas dentro da América Latina, destacando como as economias periféricas mantêm relações de dependência mesmo dentro de blocos regionais. O autor argumenta que, apesar da intenção de integração regional, países como o Brasil tendem a reproduzir internamente as mesmas estruturas de exploração impostas pelas potências centrais.

Já no segundo artigo, da Silva (2024) aprofunda a discussão sobre as contradições da política externa brasileira no contexto do Mercosul. Silva destaca como o Brasil, ao tentar exercer uma liderança regional, muitas vezes impôs acordos econômicos favoráveis ao próprio país, gerando assimetrias e perpetuando dinâmicas de subimperialismo.

Por sua vez, o artigo de Seto (2023) traz uma inovação ao aplicar o conceito de subimperialismo ao contexto do colonialismo digital e do capitalismo de plataforma. Seto argumenta que, no atual cenário global, países como o Brasil exercem um papel subimperialista ao acumularem capital e dados em plataformas digitais, ao mesmo tempo em que permanecem subordinados às grandes potências tecnológicas do Norte Global.

O artigo de Vasconcellos (2019) realiza um balanço histórico sobre os principais momentos da história do conceito de subimperialismo. De acordo com os autores, essa prática possui historicamente dois momentos de grande relevância que são os períodos do chamado “Milagre Econômico” e Governos Lula I e II. Algo interessante a se notar é a relação direta entre crescimento econômico brasileiro e práticas subimperialistas, como se ambas fossem interconectadas.

Por fim, temos o texto de Nogara (2020), que busca autores contrários ao conceito Marinista de Subimperialismo. Para alguns autores citados por ele, este conceito

tornou-se anacrônico para definir as relações externas brasileiras na atualidade, e para outros o Brasil já se encaixaria numa alcunha de país Imperialista.

Podemos concluir dizendo que, apesar das críticas levantadas por Nogara, e a partir da análise dos artigos selecionados, percebe-se que o conceito de subimperialismo continua relevante no campo acadêmico brasileiro das ciências sociais e humanas. Ele é utilizado para compreender não apenas a relação do Brasil com seus vizinhos na América Latina, mas também novas formas de dominação e exploração no capitalismo global, como o colonialismo de dados. A pertinência do conceito reside em sua flexibilidade para explicar tanto fenômenos econômicos quanto políticos em diversas esferas da realidade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BUGIATO, Caio Martins. Teoria do imperialismo: John Hobson. Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 7, n. 2, p. 126-139, 2007.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de política. Tradução de Carmen C. Varriale et al.; coordenação da tradução de João Ferreira; revisão geral de João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. 11ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHAIB, Diana Chaukat. As teses do Imperialismo com viés marxista. Revista de Economia da UEG, v. 14, n. 2, 2018.

DUARTE, Pedro Henrique Evangelista. Teoria marxista da dependência: a contribuição teórica de Ruy Mauro Marini. Nova Economia, v. 31, n. 01, p. 131-156, 2021.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas "estado da arte". Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 79, p. 257–272, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>. Acesso em: 14 set. 2024.

MARTINS, J. R. Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual? Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales, v. 5, p. 95-108, 2015. Disponível em: <http://iberoamericasocial.com/immanuel-wallerstein-e-o-sistema-mundouma-teoria-ainda-atual/>. Acesso em: 8 set. 2024.

MOTA FILHO, Antônio V. B. Breve análise da teoria do subimperialismo brasileiro. Cadernos CERU, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 2, p. 145–164, 2018. DOI: 10.11606/issn.2595-2536.v28i2p145-164. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/142118>. Acesso em: 8 set. 2024.

NOGARA, Tiago Soares. Crítica ao conceito de subimperialismo: a dimensão sul-americana da política externa brasileira e as limitações das análises dependentistas. Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 506–534, 2020. DOI: 10.30612/rmufgd.v9i17.10229. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/10229>. Acesso em: 14 set. 2024.

PANSARDI, Marcos Vinícius. Relendo Lenin: Um balanço do debate contemporâneo sobre o Imperialismo. *Germinal: marxismo e educação em debate*, v. 4, n. 1, p. 5-19, 2012.

SANTOS, Gabriel Matheus Ferreira; SCHIAVINATTO, Diogo. Haiti: crises, intervenções e subimperialismo. *Revista Pet Economia UFES*, v. 4, n. 1, p. 29-32, 2024.

SETO, Kenzo Soares. Subimperialismo de dados: uma crítica ao colonialismo de dados diante das Big Techs sul-americanas.

SILVA, Higor Roberto da. O subimperialismo brasileiro na América Latina durante os governos Lula da Silva (2003-2010). 2024.

Teoria social latino-americana. Ruy Marini explica o subimperialismo brasileiro. YouTube, 01 Set. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=c8WcQY3AWZk&ab_channel=TeoriaSocialLatino-Americana-RaphaelSeabra. Acesso em: 8 set. 2024.

TRASPADINI, Roberta; STÉDILE, João Pedro. Ruy Mauro Marini: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2005. p.33^

VASCONCELLOS, Carlos-Magno Esteves; DE ANDRADE, Gabriela Blasi. O subimperialismo brasileiro revisitado: a experiência brasileira na América do Sul (1964-2014). *PENSAR A AMÉRICA LATINA E O CARIBE*, p. 95, 2019.